

Uma família "misturada"

Desde os primórdios da colonização, relacionamentos inter-raciais já eram experienciados. A maioria a partir de violências cometidas por colonizadores com mulheres negras ou indígenas. Por outro lado, muitas relações consensuais foram criadas nesse ambiente de encontro étnico: imigrantes e brasileiros se relacionaram e, assim, nasceram muitas das famílias brasileiras. Liane Kunz, 74 anos, nasceu em Canoas, no Rio Grande do Sul, e é fruto do encontro de um alemão com uma brasileira descendente de negros, indígenas e espanhóis.

"Meu pai foi um homem fora da época dele e se encantou por minha mãe, mas naquele tempo era terrível a questão do preconceito", conta. Liane denomina sua família como "misturada" e, por isso, especialmente sua mãe, Anita Kunz, sofreu alguns preconceitos na década de 1940, período em que o racismo, que ainda hoje persiste, era mais descarado e recorrente.

Segundo Liane, na família por parte de pai, apenas a mãe e o pai aceitaram a relação dos dois jovens. Naquela época, poucos casamentos inter-raciais eram vistos com bons olhos. Mesmo assim, os pais de Liane se casaram, se mudaram de Porto Alegre para Canoas (RS) e tiveram os filhos — três mulheres e um homem. Os filhos, ao contrário de Anita, eram mais claros e, por isso, o racismo e as pequenas violências direcionadas à família eram percebidas por Liane.

Mesmo vivendo em uma família miscigenada, Liane nunca chegou a aprender sobre negritude, preconceito ou autoestima negra. Como em muitas famílias, o assunto não era tocado. "Essa palavra negritude nem existia. Não falavam muito disso. Mas a gente vivia essa diversidade", afirma Liane.



Álbum de família: Adauto, quando criança, com os pais

O estudante negro da UnB é filho de uma mulher branca, Eliane Souza e de um pai negro, Adauto Gonzaga. O jovem conta que os pais se conheceram de forma inesperada. "Minha mãe estava procurando emprego e foi contratada por meu pai para cuidar da minha avó, que estava adoentada." Os dois se encantaram e, em 2001, se casaram e logo depois tiveram o único filho do casal.

Os três vivem de forma harmoniosa, porém, dentro da grande família, o cenário muda. Adauto conta que a relação entre os parentes

do pai e da mãe não é tão próxima — tanto pela distância, já que a família de Eliane é do interior do Maranhão, quanto por episódios causados pelas questões raciais. "Os poucos contatos que tivemos não foram confortáveis e houve alguns desentendimentos", explica o jovem.

Na infância, Adauto lembra de episódios em que foi tratado de modo diferente pela avó, em comparação com outros parentes. "Minha avó materna me perguntou se eu não queria ser 'galeguinho de olho azul', porque na cabeça dela era mais bonito. Aquilo me marcou bastante."

Mesmo com essas marcas do preconceito, o jovem conta que sempre teve uma educação racial muito persistente por parte do pai. "Meu pai sempre fez questão de me lembrar que sou negro, não branco. No sentido positivo, de me fazer honrar minhas raízes e ter noção da minha identidade."

Mais próximo do que se imagina

Segundo levantamento do Datafolha, divulgado este mês, 24% dos entrevistados relataram que os últimos relacionamentos foram exclusivamente inter-raciais. Além disso, 47% dos que já tiveram um relacionamento responderam já terem se casado ou morado com alguém de outra cor. A pesquisa deixa claro que esse tipo de relação passou a ser mais naturalizada na sociedade brasileira, mas nem por isso os membros negros das famílias inter-raciais estão protegidos do racismo, praticado muitas vezes por pessoas próximas. A história de Adauto Pacheco, 20 anos, se enquadra nesse cenário.

origem negra até formas mais sutis, como desencorajar o uso de tranças. "Há uma forma mais sutil de negação da negritude, na qual a mãe aceita a negritude, mas impõe restrições, como não permitir tranças ou expressões culturais associadas à raça negra. Isso acaba negando não apenas a aparência, mas também a própria origem negra da família."

A obra destaca que a negação só é

possível quando se conhece a identidade, e isso se manifesta de diversas maneiras. Em algumas famílias, para preservar o relacionamento, a pessoa retira o familiar do grupo racial, afirmando que ele é "um negro diferente" ou "um negro de alma branca". "Isso perpetua estereótipos negativos sobre os negros, em vez de desafiar e mudar tais concepções, criando uma dinâmica em que a validação e o amor estão condicionados à conformidade com determinadas características."

POR DENTRO DA LITERATURA

A autora do livro *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*, Lia Vainer Schucman, destaca o conceito de negação nas famílias inter-raciais e seu impacto nas relações familiares. Em diversas situações, membros negros são negados em suas identidades raciais, como quando uma mãe afirma que seu filho não é negro, mas árabe. Essas negações ocorrem de maneiras variadas, desde a recusa em reconhecer a